

ENTRE IDENTIDADE E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA NEGRA E PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS

MATHEUS GOULART TANHOTE¹; LISIANE SIAS MANKE²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – *mgoulart930@gmail.com*

² Universidade Federal de Pelotas – *lisianemanke@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação é parte uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, que investiga três trajetórias de educadores negros atuantes na educação antirracista, abordando temas como identidades raciais e práticas pedagógicas. O estudo acompanha três trajetórias docentes, entre os quais esta comunicação destaca a experiência de Rosselaine, cujas ações educativas expressam compromisso com a implementação da Lei 10.639/03¹. As práticas por ela desenvolvidas, apresentadas a seguir, nos mostram estratégias que debatem as identidades raciais e tencionam o currículo escolar. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória de vida de uma educadora negra, dando ênfase a algumas das suas práticas pedagógicas voltadas à valorização racial. Assim, pretende-se contribuir para a reflexão acerca dos desafios e possibilidades da educação antirracista no Brasil contemporâneo.

Domingues (2007) afirma que construção da educação antirracista no Brasil é fruto das lutas históricas do movimento negro, que desde o pós-abolição reivindica cidadania plena, liberdade e inclusão. Para o autor as mobilizações coletivas das décadas de 1970 a 1990 consolidaram práticas de resistência e influenciaram políticas públicas que impactam à escola até hoje. Portanto, junto de autores como Carneiro (2023), podemos perceber que a escola é um dos primeiros espaços de exclusão para sujeitos negros, pois é marcada pela autonegação racial e pela invisibilidade de suas histórias. Neste cenário, a trajetória de educadores negros que articulam experiência pessoal, consciência racial e prática docente se tornam fundamentais para compreender como a Lei 10.639/03, se concretiza no cotidiano educacional. O trabalho busca expor como educadores negros contribuem para a efetivação a Lei 10.639/03, junto da valorização da identidade racial no ambiente escolar.

A promulgação da Lei 10.639/03 ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis de ensino, trouxe o debate político sobre raça para o âmbito nacional, com o papel de reeducar a população negra sobre as relações raciais, propondo a sociedade brasileira a revisão de percepções racistas sobre os negros. A lei e as diretrizes de implementação da mesma “ajudaram a introduzir a questão racial no campo dos direitos e a pautar politicamente o combate ao racismo como um dever do Estado” (Gomes, 2021, p. 440). Para além de uma política curricular, a Lei 10.639/03 faz com que os educadores revisem práticas pedagógicas. Com isso, a atuação de professores que assumem a luta a antirracista torna-se central, pois concretiza no cotidiano escolar, os princípios propostos pela lei. A trajetória de Rosselaine se

¹ BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

insere nesse processo, ao demonstrar as potencialidades dessa e de outras políticas públicas.

Rosselaine é uma pedagoga formada na cidade de Pelotas, com longa atuação na rede municipal de ensino. Seu percurso profissional e pessoal é marcado por enfrentamentos ao racismo, participação em espaços de militância e constante busca por práticas de promoção da igualdade racial. Ao longo de sua vida presenciou episódios de discriminação, mas também momentos de afirmação da negritude através da construção de espaços coletivos de tensionamento ao racismo. Assim ao longo das entrevistas demonstra um compromisso pedagógico com a implementação da Lei 10.639/03 no cotidiano escolar, junto à valorização das culturas afro-brasileiras e africanas. Entre as práticas destacam-se oficinas temáticas, apresentações culturais e artísticas, bem como a abordagem prática de manifestações afro-brasileiras, que possibilitam aos estudantes conhecer formas de expressão capazes de reafirmar a diversidade cultural como um princípio pedagógico.

Figura 1 – Cartaz da Semana da Consciência Negra da Escola Franklin Olive Leite (2019/2020).



Figura 1 Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

O cartaz ilustrado acima constitui um produto pedagógico elaborado a partir das imagens produzidas durante as atividades desenvolvidas por Rosselaine, a proposta teve como finalidade estimular reflexões e promover o diálogo sobre a cultura afro-brasileira no espaço escolar, contribuindo para a valorização da identidade e da diversidade cultural. Percebe-se que junto de sua atuação profissional, a luta contra a discriminação racial na educação se concretiza por meio da criação de projetos que denunciam as desigualdades.

Assim, em sua carreira a educadora propõe ações concretas através de projetos pedagógicos que afirmam a história da cultura afro-brasileira, por meio da promoção da autoestima de estudantes negros e valorização de referências culturais positivas. Essas práticas destacam atividades voltadas à abordagem crítica, debates sobre desigualdades raciais, e outras intervenções que positivam a cultura afro. A educadora assume o papel de uma pessoa “que recusa toda e

qualquer forma de racismo e discriminação, e que produz mudanças efetivas na vida dos sujeitos com o rompimento das hierarquias raciais" (Gomes, 2021, p. 442).

Nesse sentido, destaca-se a construção de condições para seu reconhecimento e valorização junto da Lei 10.639/03. Entendendo suas práticas docentes como uma forma de resistência cotidiana, ao abordar temas como o antirracismo e a diversidade a fim de promover educação para as relações étnico-raciais. Este exemplo mostra uma trajetória onde busca-se ir além do discurso antirracista. Por meio de ações nota-se o combate ao racismo na educação que proporciona a jovens brancos e negros "a oportunidade de vivenciarem uma educação democrática e voltada para as relações raciais que se contraponha ao racismo" (Gomes, 2021, p. 446).

2. METODOLOGIA

Como aporte metodológico, utiliza-se a obra de Lahire (2002) nas quais a análise das trajetórias individuais busca compreender a totalidade dos indivíduos, reconhecendo suas particularidades, com intuito de compreender de que maneira busca-se a promoção e o debate das pautas raciais tanto no âmbito privado quanto no profissional. Nesse sentido, podemos afirmar que "os atores são o que as suas múltiplas experiências sociais fazem deles" (Lahire, 2002, p. 198). A partir da metodologia adotada, entende-se que os sujeitos são atravessados por diversos contextos sociais, e consequentemente interagem com diferentes universos, instituições, grupos e situações.

Ao explorar os diversos espaços de socialização pelos quais os indivíduos transitam, a metodologia busca reconhecer a complexidade do sujeito, incluindo detalhes que podem passar despercebidos quando nos detemos a analisar um coletivo. Assim, dentre os múltiplos marcadores sociais que constituem os sujeitos, a questão racial se destaca como um elemento estruturante nas experiências em análise.

A pesquisa de caráter qualitativo, utiliza de entrevistas em profundidade com professores negros da rede pública de Pelotas. Onde os dados serão examinados por meio de análise vertical, com intuito de compreender em cada trajetória as experiências múltiplas, que contribuíram para a formação da identidade racial e a ação junto a promoção de práticas pedagógicas antirracistas no contexto escolar. Nesse contexto, as trajetórias se articulam ao que Lahire (2002) denomina de "dobras e dobraduras do social", revelando a complexidade das relações sociais. Assim, a análise concentra-se em identificar por meio de entrevistas amplas as disposições incorporadas pelos educadores ao longo de suas vivências, que os levaram a assumir a luta racial como papel político e pedagógico.

Como referencial teórico para analisar a identidade racial tem-se Hall (2003), que entende este conceito um processo, dinâmico e relacional, necessitando de relações sociais, que muitas vezes são marcadas por desigualdades estruturais. Para conduzir uma análise histórica e sociais do movimento negro, Gomes (2019) em sua obra nos afirma a centralidade deste movimento social na construção de saberes e práticas de resistência, que educa e propõe mudanças a sociedade brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise deste recorte da trajetória de Rosselaine evidencia a importância dos espaços de socialização, como igreja, movimento social e universidade na constituição de identidades. A partir da metodologia de Bernard Lahire, é possível identificar como experiências na infância, adolescência e escolarização podem ajudar na construção de disposições voltadas à luta antirracista. Mostra-se que na trajetória de Rosselaine a aproximação com coletivos e grupos de debate, configuram-se como momentos importantes para a afirmação identitária junto a compreensão das relações étnico-raciais, entendendo-as como dimensões estruturantes de sua prática.

Por fim, a análise das entrevistas busca compreender as trajetórias com foco na questão racial e seus desdobramentos no campo individual e profissional, junto da abordagem metodológica se torna possível compreender as narrativas individuais em sua singularidade. Assim, nota-se o papel dos educadores na luta pela emancipação, nos permitindo identificar espaços como a família, a escola, a religião e a militância, sendo espaços fundamentais de socialização, nos quais podem ser incorporadas disposições que dialoguem com práticas docentes unidas a luta antirracista.

4. CONCLUSÕES

A experiência da Rosselaine demonstra que a docência pode constituir um espaço de resistência e produção de práticas educativas transformadoras. Ao articular história pessoal e identidade racial, busca-se conhecer as disposições para uma prática docente comprometida com a equidade racial e a superação do racismo. Portanto, essa abordagem é uma experiência pautada em uma trajetória individual, que reafirma o protagonismo do educador como agente social, em que sua ação pedagógica pode ultrapassar os limites das práticas docentes, se inscrevendo na luta coletiva dos negros em prol da igualdade racial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, p. 435-454, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Editora Vozes Limitada, 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação.** Vozes Editora, 2002.